



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS

Ramon Joelson de Oliveira Medeiros

O MÉDICO E O MONSTRO e MR. ROBOT:

Uma análise comparativa na construção do duplo

CARAÚBAS

2025

Ramon Joelson de Oliveira Medeiros

O MÉDICO E O MONSTRO e MR. ROBOT:

Uma análise comparativa na construção do duplo

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva.

CARAÚBAS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

M488m Medeiros, Ramon Joelson de Oliveira.
O MÉDICO E O MONSTRO e MR. ROBOT: Uma análise comparativa na construção do duplo / Ramon Joelson de Oliveira Medeiros. - 2015.
44 f. : il.

Orientador: Eldio Pinto da Silva.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Inglês, 2015.

1. duplo. 2. cisão. 3. identidade. 4. O Médico e o Monstro. 5. Mr. Robot. I. da Silva, Eldio Pinto, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Sarah Freire Bezerra
CRB: 15/1052

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

RAMON JOELSON DE OLIVEIRA MEDEIROS

O MÉDICO E O MONSTRO e MR. ROBOT:

Uma análise comparativa na construção do duplo

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Defendida em: 29/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ELDIO PINTO DA SILVA**
Data: 29/07/2025 10:15:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva (UFERSA)
Presidente e orientador de TCC

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO CORIOLANO DE ALMEIDA COSTA**
Data: 29/07/2025 13:55:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Coriolano de Almeida Costa (UFERSA)
Membro Examinador

Documento assinado digitalmente
 **COSMO JADSON ALVES LEITE**
Data: 29/07/2025 19:01:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Cosmo Jadson Alves Leite (UFERSA)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, pelo amor incondicional,
pelo apoio constante em todas as etapas da minha vida
e pelos sacrifícios que tornaram esta conquista possível.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela força e sabedoria que me guiaram em todos os momentos desta jornada, iluminando meu caminho e me dando a perseverança necessária para superar cada desafio.

Aos meus pais, Antônia Irene de Oliveira e Raimundo Francisco de Medeiros, sou grato pelo amor incondicional, pelos sacrifícios silenciosos e por nunca me deixarem duvidar da minha capacidade. Cada conquista minha é, antes de tudo, uma retribuição a tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim.

À minha família, especialmente meus irmãos Rafael, Railson e José, agradeço pelo carinho, pela torcida e pelo suporte oferecido ao longo desses anos de dedicação aos estudos.

À minha namorada, Flávia Nycole, sou profundamente grato pelo apoio, pelas conversas que aliviaram a pressão, pelo incentivo nos momentos de desânimo e por tornar a caminhada muito mais leve e significativa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva, registro minha gratidão pela confiança depositada em meu trabalho, pela paciência incansável e pela orientação. Seu conhecimento e compromisso foram fundamentais para o amadurecimento desta pesquisa.

Agradeço à Banca Examinadora, o Prof. Dr. Bruno Coriolano de Almeida Costa e o Prof. Me. Cosmo Jadson Alves Leite, por terem aceitado o convite, pelo tempo dedicado à leitura deste trabalho e pelas valiosas contribuições que, sem dúvida, o enriqueceram.

Por fim, agradeço aos professores Giovane Alves de Souza, Diêgo César Leandro, Bruno Coriolano de Almeida Costa e Jeová Araújo Rosa Filho pelo conhecimento compartilhado, pelo incentivo constante e pelas reflexões inspiradoras que contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

ÉPIGRAFE

*“Como posso tirar uma máscara, quando ela
deixa de ser uma máscara?”*

— Elliot Alderson, Mr. Robot

RESUMO

A presente monografia apresenta uma análise comparativa intermedial da figura do duplo, investigando sua construção e evolução nas obras *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e *Mr. Robot*, de Sam Esmail. O estudo tem como objetivo compreender como a representação do duplo se transforma por meio da análise dos personagens Henry Jekyll e Elliot Alderson e seus respectivos duplos, nas obras *O Médico e o Monstro* e *Mr. Robot*. A análise se justifica pela importância de compreender como a figura do duplo dialoga com novas formas de subjetividade, contribuindo para os estudos intertextuais entre literatura e mídia audiovisual. O referencial teórico baseia-se em Souza e Rossi (2015), Silva e Leite (2017) e Shymanska (2011), abordando a origem e a tipologia do duplo, o conceito de projeção psicológica e o paradoxo Jekyll-Hyde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, com análise da novela *O Médico e o Monstro* e da série *Mr. Robot*. Dessa forma, observa-se que a representação do duplo, em Stevenson, resulta de uma cisão voluntária para lidar com a repressão social, enquanto, em Esmail, surge como uma multiplicidade sistêmica decorrente de trauma psíquico e resistência a um sistema opressor. A análise revela que a figura do duplo evolui de uma cisão voluntária e moral no século XIX para uma multiplicidade psíquica como resistência sistêmica no século XXI.

Palavras-chave: duplo; cisão; identidade; narrativa audiovisual; *O Médico e o Monstro*; *Mr. Robot*.

ABSTRACT

This monograph presents an intermedial comparative analysis of the figure of the double, investigating its construction and evolution in the works *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, by Robert Louis Stevenson, and *Mr. Robot*, by Sam Esmail. The study aims to understand how the representation of the double is transformed through the analysis of the characters Henry Jekyll and Elliot Alderson and their respective doubles in *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* and *Mr. Robot*. The analysis is justified by the importance of understanding how the figure of the double engages with new forms of subjectivity, contributing to intertextual studies between literature and audiovisual media. The theoretical framework is based on Souza and Rossi (2015), Silva and Leite (2017), and Shymanska (2011), addressing the origin and typology of the double, the concept of psychological projection, and the Jekyll-Hyde paradox. This is a qualitative, exploratory, and bibliographic study, analyzing the novella *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* and the series *Mr. Robot*. Thus, it is observed that in Stevenson, the representation of the double results from a voluntary split to deal with social repression, whereas in Esmail, it emerges as a systemic multiplicity arising from psychological trauma and resistance to an oppressive system. The analysis reveals that the figure of the double evolves from a voluntary and moral split in the 19th century to a psychic multiplicity as systemic resistance in the 21st century.

Keywords: double; division; identity; audiovisual narrative; *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*; *Mr. Robot*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CONCEITO DE DUPLO EM <i>O MÉDICO E O MONSTRO</i> E EM <i>MR. ROBOT</i>	11
2.1	A cisão do “eu”: O duplo na tradição Literária	12
2.2	A Dualidade Humana na Confissão de Dr. Henry Jekyll	15
2.3	A Fragmentação da Identidade em <i>Mr. Robot</i>	24
2.3.1	A Fragmentação Psíquica e a Origem no Trauma	26
2.3.2	Ideologia e Niilismo: O Duplo como Arquétipo Político	30
2.3.3	Da cisão à Integração: A Jornada Final	33
3	ANÁLISE COMPARATIVA NA CONSTRUÇÃO DO DUPLO.....	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A figura do duplo é uma poderosa ferramenta narrativa para explorar a complexidade da identidade humana. Desde a Londres vitoriana de Stevenson até a Nova York digital de Esmail, essa temática persiste, adaptando-se às ansiedades de cada época. Embora separadas por mais de um século, a novela *O Médico e o Monstro* (1886) e a série televisiva *Mr. Robot* (2015–2019) compartilham um núcleo temático fundamental: a cisão do sujeito em facetas contraditórias. Em Stevenson, essa dualidade se manifesta no conflito entre a moralidade social do Dr. Jekyll e os impulsos reprimidos de Mr. Hyde. Já em *Mr. Robot*, o debate é atualizado para o contexto da hiperconectividade e das crises psíquicas, onde o protagonista Elliot Alderson vê suas ações e percepções influenciadas por um alter ego que age independentemente de sua vontade consciente. Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma análise comparativa da construção e ressignificação do duplo nessas duas obras, investigando como uma temática da literatura é reformulada para abordar os conflitos psíquicos e sociais do mundo digital atual.

A questão de pesquisa que orienta este estudo é: como o conceito de duplo é construído e atualizado nas obras *O Médico e o Monstro* e *Mr. Robot*? Parte-se da hipótese de que, enquanto a dualidade de Jekyll e Hyde representa uma cisão moral diante da repressão social da Era Vitoriana, *Mr. Robot* atualiza esse conflito por meio da fragmentação subjetiva provocada por traumas psíquicos e sistemas opressivos contemporâneos. Desse modo, tem-se como objetivo geral investigar a evolução do duplo presente em *O Médico e o Monstro* e na série *Mr. Robot*. Como objetivos específicos, pretende-se: (i) identificar os principais aspectos do conceito de duplo na obra de Stevenson, com foco na carta final de Dr. Jekyll; (ii) analisar como a série *Mr. Robot* apresenta esse conceito ao longo da série; e (iii) comparar os elementos de dualidade presentes nas duas obras, destacando semelhanças e diferenças na construção.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de compreender como a figura simbólica duplicada mantém sua força expressiva na contemporaneidade, dialogando com novas formas de subjetividade. Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para os estudos intertextuais. Sob essa perspectiva, representa uma oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre narrativas que exploram a dualidade humana e a intertextualidade entre literatura e audiovisual.

Como fundamentação teórica, este trabalho se apoia em autores como Souza e Rossi (2015), Silva e Leite (2017) e Shymanska (2011), cujas análises são essenciais para a compreensão do duplo em suas diversas facetas. Souza e Rossi (2015) fornecem o conceito do "Paradoxo Jekyll-Hyde", que permite analisar a obra de Stevenson não como uma simples dualidade, mas como o indício de uma multiplicidade latente. Silva e Leite (2017), baseados em teóricos como Bargalló (1994) e Jourde e Tortonesi (2005), ajudam a classificar o fenômeno do duplo em sua origem e tipologia. Por fim, Shymanska (2011) discute o mecanismo da projeção psicológica, fundamental para compreender a forma como os protagonistas externalizam seus conflitos internos. A análise também se baseia diretamente na obra de Stevenson (2015), cuja profecia sobre o "homem como um conjunto de cidadãos multifacetados" serve como o principal fio condutor para a comparação aqui proposta. Assim, este trabalho dialoga com esses e outros autores para investigar como essa alegoria da condição humana se adapta e permanece relevante. Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica. O corpus de análise será composto pela novela de Stevenson e pela série *Mr. Robot*.

A monografia está organizada em quatro capítulos. Após esta introdução, o capítulo 2 apresenta a construção do conceito de duplo em *O Médico e o Monstro* e em *Mr. Robot*, analisando as particularidades de cada obra. O capítulo 3 se aprofunda na análise comparativa, destacando as semelhanças, diferenças e os contextos que moldam a figura do duplo em cada narrativa. Por fim, o capítulo 4 apresenta as considerações finais, retomando as conclusões da pesquisa e apontando sugestões para estudos futuros.

2 O CONCEITO DE DUPLO EM *O MÉDICO E O MONSTRO* E EM *MR. ROBOT*

Para compreender a construção do duplo nas obras *O Médico e o Monstro* e *Mr. Robot*, é fundamental, primeiramente, traçar um percurso histórico e conceitual deste tema na tradição literária. A figura do *Doppelgänger*¹ não surge com Stevenson, mas é o resultado de uma longa evolução que reflete as ansiedades de cada época sobre a identidade, a moralidade e a consciência. A seguir, apresentamos essa trajetória para, então, aprofundar a análise específica das obras centrais deste trabalho.

¹ O termo *Doppelgänger* deriva do alemão, significando literalmente “aquele que anda em dobro” ou “duplo ambulante”. Foi incorporado ao inglês em 1826 com o sentido de “aparição de uma pessoa viva”, originalmente com uma conotação fantasmagórica. Cf. HARPER, Douglas. *Doppelganger*. In: Online Etymology Dictionary. [s.l.], 2001-2025. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/doppelganger>. Acesso em: 22 jun. 2025.

2.1 A cisão do “eu”: O duplo na tradição Literária

O Doppelgänger, ou duplo, é um tema recorrente e inquietante na literatura, refletindo as inquietações de cada período quanto à identidade, moralidade e consciência. Este percurso investiga a trajetória do duplo, traçando um histórico de sua conceituação e analisando como ele se manifesta em situações críticas de obras fundamentais. A análise demonstrará que a figura da duplicidade evoluiu de uma manifestação primordialmente externa e sobrenatural para uma fissura internalizada e psicológica, culminando em representações que desafiam a própria noção de um “eu” coeso e original.

A noção de duplo, embora presente no folclore, consolidou-se como um tema literário fundamental no século XIX, período marcado por intensas especulações científicas e filosóficas sobre a natureza interna do homem. A estética gótica, com sua ênfase na irregularidade e na quebra da unidade, forneceu o terreno fértil para que essa figura florescesse. Como aponta Marly de Oliveira (1986), a imagem duplicada é a própria expressão da fratura do indivíduo:

O duplo é, em certo sentido, a materialização do reflexo humano no espelho, pois o seu fundamento é a exata duplicata de um modelo original. Por outro lado, a imagem duplicata expressa a divisão do homem, conceito que repousa em teorias do século XVIII e que se desenvolveram ao longo da estética gótica, principalmente, através das categorias de unidade versus variedade ou irregularidade (Oliveira, 1986, p. 184).

O termo *Doppelgänger* (literalmente, “duplo-andante”) foi cunhado pelo escritor alemão Jean Paul em 1796, mas foi popularizado na literatura fantástica por E. T. A. Hoffmann, que explorou sua capacidade de gerar ambiguidade e terror psicológico (França, 2009, p. 2).

Inicialmente, o duplo era frequentemente uma entidade externa, um “duplo antagônico” que se opunha ao protagonista. Contudo, a literatura progressivamente internalizou essa figura, transformando-a em uma representação da “clivagem do psiquismo”, como define Luiz Alfredo Garcia-Roza (2015, p. 6) ao analisar a obra de Stevenson: “[...] a questão do duplo, da clivagem do psiquismo, do outro - não do outro exterior, não do semelhante, mas daquele outro, interior, que nos habita e que, embora nos seja desconhecido, nos é terrivelmente ameaçador”.

A transição de uma ameaça externa para um conflito interno marca a modernização do tema, antecipando conceitos que se tornariam centrais para a psicanálise, como a divisão da

psique em consciente e inconsciente (Garcia-Roza, 2015, p. 7). Segundo Shymanska (2011, p. 8), o duplo deixou de ser apenas um outro para se tornar uma parte oculta do próprio eu, uma projeção dos desejos e características que o indivíduo rejeita em si mesmo. Assim, a evolução do conceito pode ser observada através de momentos decisivos em obras canônicas, onde a presença do outro expõe uma crise na identidade do protagonista. Na novela *O Homem da Areia*, de E. T. A. Hoffmann, a situação crítica reside na ambiguidade da figura de Coppélius, que, para Natanael, é a materialização do mal, um ser repulsivo cuja descrição física evoca o grotesco:

Imagine um homem grande, de espáduas largas, enorme cabeça deformada, com rosto lívido, sobrancelhas peludas e grisalhas, embaixo das quais rebrilham dois olhos verdes, arredondados como os dos gatos, o nariz gordo, grande, que tomba sobre o lábio superior. A boca torta, que se contorce mais ainda ao compor um sorriso [...] (Hoffmann, 1986, p. 14).

A narrativa de *O Homem da Areia* oferece uma interpretação alternativa através da noiva de Natanael, Clara, que sugere que a ameaça não é externa, mas uma projeção de sua mente atormentada. Em sua carta, ela racionaliza a natureza do mal, internalizando o conflito:

Se existe potência que seja pérfida, sinistra e hostil em seus objetivos, e que tenha conseguido colocar dentro de nós sua garra para nos apreender e nos arrastar por caminho perigoso, nefasto o qual espontaneamente não percorreríamos —, se tal potência realmente existe, teria de se desenvolver dentro de nós mesmos, enquanto nós evoluímos. Teria de ocupar o nosso eu. Só assim nós acreditaríamos nela, cedendo-lhe o que necessita para cumprir sua missão secreta (Hoffmann, 1986, p. 24).

No que se refere a obra de Robert Louis Stevenson, *O Médico e o Monstro*, percebe-se um ponto de virada, completando o processo de internalização do duplo, onde a revelação ocorre na confissão final do Dr. Jekyll ao assumir a dualidade como a condição fundamental da existência. Ele relata como sua busca por separar o bem e o mal o levou a uma chocante conclusão:

Foi a natureza exigente de minhas aspirações, mais do que qualquer degradação peculiar de caráter, que fez de mim o que sou e que, cavando uma vala mais profunda do que na maioria dos homens, separou dentro de mim as províncias do bem e do mal que caracterizam a condição dual do ser humano. [...] dia após dia, e dos dois lados de minha inteligência, o moral e o intelectual, fui me aproximando mais e mais da verdade, cuja descoberta parcial me valeu um desastre pavoroso: a de que o homem não é de fato uno, e sim duplo (Stevenson, 2015, p. 95).

Com essa declaração, o monstro deixa de ser uma entidade externa para emergir de dentro. Mr. Hyde torna-se a encarnação do lado reprimido de Jekyll, o “outro, interior, que nos habita” (Garcia-Roza, 2015, p. 6).

Em *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde oferece uma variação do tema, deslocando o duplo do corpo do protagonista para um objeto de arte. A situação que desencadeia a cisão é a primeira transformação do quadro, que ocorre após a crueldade de Dorian com a atriz Sibyl Vane. O retrato torna-se sua “consciência visível” (Wilde, 2009, p. 103), envelhecendo e registrando a corrupção de seus pecados enquanto Dorian permanece jovem e belo. Com o tempo, a relação se inverte, e Dorian passa a observar com um misto de horror e fascínio a degradação de sua alma na tela:

Ele se tornou cada vez mais enamorado da própria beleza, cada vez mais interessado na corrupção da própria alma. Examinava com cuidado minucioso, e às vezes com um encantamento monstruoso e terrível, os traços horrendos que marcavam a testa enrugada, ou que se distribuíam em torno da boca pesada, sensual, perguntando-se por vezes o que era mais horrível, os sinais do pecado ou os sinais da idade (Wilde, 2009, p. 149).

Por fim, em *O Homem Duplicado*, José Saramago radicaliza o tema, movendo-o de uma crise moral para uma crise ontológica. O caso é a descoberta do protagonista, Tertuliano Máximo Afonso, de um ator que é sua cópia física perfeita. O horror que se instala não é de natureza moral, mas existencial. A existência de um outro idêntico anula sua sensação de singularidade e o lança em uma crise sobre a validade de sua própria existência, como reflete em seu monólogo interior:

O que mais me confunde, pensava trabalhosamente, não é tanto o facto de este tipo se parecer comigo, ser uma cópia minha, digamos, um duplicado, casos assim não são infrequentes, [...] o que me confunde não é tanto isso como eu saber que há cinco anos fui igual ao que ele era nessa altura, até bigode usávamos, e mais ainda a possibilidade, que digo eu, a probabilidade de que passados cinco anos, isto é, hoje, agora mesmo, a esta hora da madrugada, a igualdade se mantenha, como se uma mudança em mim tivesse de ocasionar a mesma mudança nele [...] (Saramago, 2002, p. 15).

Em Saramago, o duplo não é mais um fantasma ou uma projeção psicológica, mas um fato concreto e inexplicável, que ataca a própria lógica da identidade e questiona a existência de um eu original.

O percurso através destas obras, portanto, revela a jornada evolutiva do duplo. Da ambiguidade entre a ameaça externa e a projeção psicológica em Hoffmann, passando pela completa internalização da cisão moral em Stevenson, o tema demonstra sua notável

plasticidade ao se deslocar para um objeto simbólico em Wilde e, por fim, ao se radicalizar em uma crise ontológica com a duplicação física em Saramago. Essa diversidade de formas e funções evidencia a necessidade de um arcabouço teórico para organizar e compreender suas manifestações.

Diante dessa riqueza de manifestações, é preciso recorrer a um sistema de classificação que ajude a nomear e diferenciar suas manifestações. O estudo de Silva e Leite (2017) sobre a obra de Lygia Fagundes Telles oferece um referencial útil ao compilar as tipologias de teóricos do tema. Segundo Silva e Leite (2017), as classificações podem ser divididas quanto à origem e à manifestação do duplo. Quanto à origem, Bargalló (1994 apud Silva; Leite, 2017, p. 277) identifica o duplo por cisão, fusão e metamorfose: “na cisão, o corte mostra que o eu está em outro lugar e passa a ter uma vida autônoma; na fusão ocorre o reconhecimento de uma unidade – um é o outro: (sic) na metamorfose, há uma transformação relevante, reversível ou não” (Lamas, 2002 apud Silva; Leite, 2017, p. 277). Já quanto à manifestação, Jourde e Tortonese (2005 apud Silva; Leite, 2017, p. 277) propõem uma divisão fundamental entre o duplo subjetivo, no qual o protagonista confronta a si mesmo, podendo este ser interno (psicológico) ou externo (físico), e o duplo objetivo, que se refere ao testemunho de uma duplicação de outrem.

Aplicadas aos casos já mencionados, estas categorias nos permitem, por exemplo, enquadrar o conflito de Dr. Jekyll e Mr. Hyde como uma complexa cisão subjetiva-externa, a degradação da alma de Dorian Gray como uma metamorfose projetada em um objeto, e o horror existencial de Tertuliano Máximo, em Saramago, como o confronto com um duplo objetivo inexplicável. Esse arcabouço teórico, portanto, será a ferramenta fundamental para classificar o duplo presente em cada obra nos capítulos seguintes e, ao final, embasar a comparação entre elas.

2.2 A dualidade humana na confissão do Dr. Henry Jekyll

Como discutido no capítulo anterior, a figura do duplo evoluiu, ao longo da literatura, de uma duplicação externa e fantástica para uma manifestação interna e psicológica do sujeito dividido. Em *O Médico e o Monstro*, essa divisão assume uma forma paradigmática, expressando-se na tentativa do Dr. Jekyll de dissociar moralidade e desejo por meio de um experimento científico. Nesta seção, analisaremos como essa dualidade é articulada na narrativa, revelando uma visão trágica da identidade no contexto da Era Vitoriana.

Antes de adentrar na análise da confissão de Henry Jekyll é crucial realizar uma breve retrospectiva do enredo que a precede. A narrativa de *O Médico e o Monstro* é construída como uma investigação, um "estranho caso" que se desenrola através de fragmentos, testemunhos e uma crescente sensação de mistério. A trama é deflagrada pelo relato do Sr. Enfield ao seu amigo, o advogado Utterson, descrevendo um ato de violência inexplicável cometido pela repulsiva figura de Edward Hyde. O que mais choca no episódio não é apenas o ato em si, mas a reação unânime de ódio que Hyde provoca:

Eu havia me tomado de aversão ao indivíduo à primeira vista [...]. Nunca vi um círculo de rostos tão transtornados pelo ódio; e no centro lá estava o homenzinho, denotando uma espécie de frieza sombria e sarcástica — assustado também, reparei —, mas se comportando, meu amigo, realmente como Satã (Stevenson, 2015, p. 19-20).

O mistério se aprofunda quando se revela que essa figura demoníaca tem uma conexão inexplicável com o respeitável Dr. Jekyll, cujo nome assina o cheque usado para compensar a família da vítima. Essa ligação absurda leva Utterson a temer que seu amigo seja vítima de chantagem por algum "mau passo na mocidade" (Stevenson, 2015, p. 22) e o transforma no detetive da trama. Sua determinação é clara quando ele afirma: "Se ele é o sr. Esconde (Hyde), [...] vou ser o sr. Procura (Seek)" (Stevenson, 2015, p. 43). Sua preocupação se intensifica ao ler o testamento de Jekyll, que, em caso de "desaparecimento ou da ausência inexplicável" (Stevenson, 2015, p. 37), deixaria toda a sua fortuna para Hyde. Ao finalmente encontrar a figura misteriosa, Utterson se vê incapaz de nomear a causa de sua própria repulsa:

O sr. Hyde era pálido e quase um anão, dava a impressão de ser aleijado, sem nenhuma deformidade identificável, possuía um sorriso desagradável [...] todos esses pontos depunham contra ele, mas nem todos juntos podiam explicar a repugnância, o ódio e o medo que inspirava no sr. Utterson. [...] 'Deus me proteja, o homem mal parece um ser humano! Tem algo de troglodita, seria o caso de dizer? [...] ah, meu pobre Henry Jekyll, se alguma vez li a assinatura de Satã num rosto, foi no de seu novo amigo.' (Stevenson, 2015, p. 50).

A situação atinge um ponto crítico com o brutal assassinato de Sir Danvers Carew. A violência do ato solidifica a imagem monstruosa e bestial de Hyde, que ataca sua vítima com uma fúria primitiva:

No momento seguinte, com a fúria de um macaco, pisoteou a vítima e lançou sobre ela uma chuva de golpes, a ponto de se ouvirem ossos sendo quebrados até que o corpo foi atirado no meio da alameda. Horrorizada por essas imagens e esses sons, a criada desmaiou (Stevenson, 2015, p. 63).

Para agravar o mistério, Utterson reconhece a bengala usada no crime como um presente que ele mesmo dera a Jekyll. A partir desse evento, o médico se isola completamente, e a trama se adensa com o rápido declínio e a morte do Dr. Lanyon, um amigo em comum. Lanyon adoece após testemunhar um segredo terrível, e seu desespero ao se afastar de Jekyll é evidente: "‘Não quero mais ver nem ouvir falar do dr. Jekyll’, ele disse em voz alta mas entrecortada. ‘Estou farto dessa pessoa e lhe peço que me poupe não se referindo a alguém que considero morto’ (Stevenson, 2015, p. 72).

É essa sequência de eventos inexplicáveis — a violência de Hyde, sua identidade indescritível, a reclusão de Jekyll e a morte aterrorizada de Lanyon — que constrói a atmosfera de suspense da obra. A verdade permanece oculta, acessível apenas por meio de relatos fragmentados e documentos póstumos. Por essa razão, a análise que se segue se concentrará no testemunho final de Jekyll, pois é somente em sua confissão que o enigma é finalmente desvendado e a natureza de sua relação com Mr. Hyde é revelada.

No capítulo "O relato completo do caso por Henry Jekyll" acompanhamos uma confissão escrita pelo Dr. Henry Jekyll, apresentada postumamente. Ele inicia a sua confissão expondo a divisão presente em sua personalidade: "[...] o pior de meus defeitos era certa disposição alegre e entusiástica que faria a felicidade de muitos, mas que achei difícil conciliar com meu desejo imperioso de manter a cabeça alta, exibindo publicamente um semblante mais sério do que é comum" (Stevenson, 2015, p. 95).

O desejo de Jekyll por uma postura pública séria o levava a considerar sua própria disposição "gaiata" como um defeito a ser suprimido. Esse conflito interno o conduz a reprimir não apenas traços que julgava irrelevantes, mas também a ocultar seus prazeres e quaisquer características que não se alinhassem à imagem idealizada que tinha de si: a de um homem com um "semblante mais sério do que é comum" (Stevenson, 2015, p. 95).

Ao fazer uma autorreflexão, ele reconhece que essa repressão o leva a viver com uma "profunda duplicidade de vida" (Stevenson, 2015, p. 95), resultado dos altos ideais que o próprio ansiava alcançar. Esse conflito interno, contudo, não deve ser entendido como uma falha puramente individual, mas como um sintoma agudo das contradições da própria Era Vitoriana. A tragédia de Jekyll, portanto, não é apenas pessoal; é o drama de uma sociedade inteira encenado no corpo de um único homem. A Londres de Jekyll era uma sociedade que, em sua superfície, celebrava o progresso e a retidão, mas, em seu âmago, escondia uma realidade sombria. Citados por Cantalice (2022), Santana e Senko (2016) descrevem com precisão esse paradoxo. Vejamos:

Época de muitas realizações em vários campos do saber humano foi o palco do início das grandes exposições universais, verdadeiros prodígios da arte e da ciência. [...] Mas, a Era Vitoriana foi, antes de tudo, um período de enormes contradições. Ao lado dos grandes progressos técnicos e industriais, assiste-se a um triste espetáculo de doenças, violência e morte. Foi também um período quando se exerceu um forte controle sobre o comportamento sexual de homens e mulheres (Santana; Senko, 2016, p. 191 apud Cantalice, 2022, p. 7).

Fica evidente, portanto, que a repressão que Jekyll se autoimpõe é a internalização do "forte controle sobre o comportamento" que a época exigia. A figura do Dr. Jekyll encarna perfeitamente essa dualidade social. Ele é, por um lado, o representante dos "prodígios da arte e da ciência", um médico respeitado e um cavalheiro de posses. Por outro lado, o "triste espetáculo de doenças, violência e morte" que a sociedade escondia é precisamente o universo para o qual seu alter ego, Mr. Hyde, escapa. A repressão que Jekyll se autoimpõe é a internalização do "forte controle sobre o comportamento" que a época exigia. Seu "desejo imperioso de manter a cabeça alta" (Stevenson, 2015, p. 95) é a voz da moralidade vitoriana falando dentro de si. Dessa forma, o experimento de Jekyll não é apenas uma curiosidade científica; é uma tentativa desesperada e literal de resolver no próprio corpo uma contradição que sua cultura vivia de forma velada. Ele busca cirurgicamente separar o "bem" do "mal" porque a sociedade o ensinou que eles não podiam coexistir abertamente na mesma pessoa. A criação de Hyde, portanto, é menos uma invenção e mais a libertação daquilo que a hipocrisia vitoriana mantinha aprisionado.

Jekyll então afirma que, para manter sua imagem pública, ele, "[...] cavando uma vala mais profunda do que na maioria dos homens, separou dentro de mim as províncias do bem e do mal que caracterizam a condição dual do ser humano" (Stevenson, 2015, p. 95). Essa ruptura autoimposta é mais do que uma simples metáfora para um conflito moral; ela é o ato fundador que possibilita o surgimento de Hyde. Esta ação de Jekyll ilustra perfeitamente a tese de Oliveira (1986), que vê na "repressão dos desejos inconscientes" o gatilho para a "criação do obscuro e monstruoso duplo Mr. Hyde" (Oliveira, 1986, p. 190). Segundo a análise de Oliveira, a decisão de Jekyll de isolar ativamente sua "província do mal" não a elimina, mas, paradoxalmente, a transforma em uma entidade latente, pronta para ser corporificada. Hyde, portanto, se torna o veículo através do qual Jekyll pode "realizar os desejos interditos a um 'gentleman' vitoriano" (Oliveira, 1986, p. 190).

A divisão da identidade leva Jekyll a encarar sua condição como uma falha a ser corrigida. Ele a reconhece, mas não a aceita. Por isso, ele recorre à ciência em busca de uma

forma de separar totalmente seus dois lados, acreditando que o lado "bom" não precisaria mais sofrer com o remorso provocado pelas ações do lado "ruim", e que este, por sua vez, poderia agir livremente, sem as amarras morais impostas pelo lado mais "digno":

[...] e desde cedo, antes mesmo que minhas descobertas científicas começassem a sugerir a mais remota possibilidade de tal milagre, aprendi a contemplar com prazer, como se num devaneio predileto, a ideia de separar esses elementos. Se cada um, pensei, pudesse ocupar identidades distintas, a vida seria aliviada de tudo que é insuportável; o injusto seguiria seu caminho, livre das aspirações e do remorso de seu gêmeo mais digno; e o justo poderia percorrer com passos fortes e seguros seu caminho ascendente, praticando as boas ações que lhe dão prazer, não mais exposto à desgraça e à penitência causadas por obra daquele mal extrínseco (Stevenson, 2015, p. 96).

Esse "devaneio predileto" mostra que sua motivação não é apenas científica, mas emocional: ele deseja se livrar do peso moral que a coexistência desses dois lados impõe. Como aponta Staudt (2018, p. 291), o duplo na literatura expressa justamente esse esforço do sujeito para compreender a si mesmo. Essa busca de Jekyll por uma separação total de suas naturezas parece oferecer uma solução para o seu dilema moral, mas é justamente o que o levará ao colapso identitário, como será aprofundado mais adiante.

Após um longo período de reflexão e elaboração, "[...] numa noite maldita [...]" (Stevenson, 2015, p. 97), Jekyll decide pôr sua ideia em prática e cria uma poção para resolver o seu problema. Mesmo ciente dos riscos envolvidos, ele cede à tentação e ingere a mistura:

Hesitei muito antes de testar na prática essa teoria. Eu bem sabia que me expunha ao risco de morrer, [...] E, bem tarde numa noite maldita, misturei os elementos, observei-os ferver e fumegar ao se mesclarem no copo e, terminada a ebulição, num arroubo de coragem bebi a poção (Stevenson, 2015, p. 97).

A solução encontrada por Jekyll para seu dilema existencial é de natureza química, uma poção que ele mesmo desenvolve após longos estudos. Contudo, essa substância pode ser analisada para além de sua função narrativa, à luz do conceito de *phármakon*, como explorado por Jacques Derrida e aplicado à obra por Souza e Rossi (2015). O *phármakon* é um termo paradoxal, pois designa ao mesmo tempo o remédio e o veneno (Derrida, 2005 apud Souza; Rossi, 2015, p. 1956). A poção de Jekyll encarna perfeitamente essa ambiguidade: ela se apresenta como um remédio para a vida "insuportável" de repressão (Stevenson, 2015, p. 96), mas se revela o veneno que o levará à ruína. O próprio Jekyll parece intuir essa natureza indecível do composto. Em sua confissão, ele afirma que o que criou não possuía uma moralidade inerente, mas funcionava como uma chave mestra para sua psique: "A poção não

discriminava, não era nem diabólica nem divina; mas abria as portas da prisão de meu ser e, como os cativos de Filipos, o que havia lá dentro escapou”. (Stevenson, 2015, p. 90).

O esperma, a água, a tinta, a pintura, o tingimento perfumado: o *phármakon* penetra sempre como o líquido, ele se bebe, se absorve, se introduz no interior que ele marca, primeiramente, com a dureza do tipo, invadindo-o em seguida e inundando-o com seu remédio, sua beberagem, sua bebida, sua poção, seu veneno. No líquido, os opostos passam mais facilmente um no outro. O líquido é o elemento do *phármakon*. E a água, pureza do líquido, se deixa o mais facilmente, o mais perigosamente, penetrar e depois se corromper pelo *phármakon*, com o qual se mistura e se compõe tão rapidamente (Derrida, 2005, p. 92; 102 apud Souza; Rossi, 2015, p. 1957).

Dessa forma, a poção é o elemento "indecidível" por excelência. Não sendo nem boa nem má, ela é o puro agente da transgressão. Ao ingeri-la, Jekyll não escolhe o mal, mas abdica da escolha, liberando as forças que até então sua consciência e a moral vitoriana mantinham aprisionadas. É o ato que dissolve as fronteiras do seu ser e o lança no caminho da fragmentação.

Ao tomar a poção Jekyll passa por uma transformação violenta, tanto em seu corpo como em sua mente:

Seguiram-se as dores mais atrozes; os ossos sendo triturados, uma náusea doentia, um horror espiritual que não pode ser superado na hora do nascimento ou da morte. Tais agonias começaram a ceder rapidamente e me senti como se houvesse vencido uma grave enfermidade. Havia algo estranho em minhas sensações, algo indescritivelmente novo e, graças à sua própria novidade, incrivelmente agradável. Senti-me mais jovem, mais leve, fisicamente mais feliz. Dentro de mim, tomei consciência de uma ousadia embriagadora, de uma torrente de imagens sensuais passando aos borbotões diante de meus olhos, da dissolução dos laços do dever, de uma inaudita liberdade da alma, mas em nada inocente. Ao primeiro sopro dessa nova vida, eu me sabia mais perverso, dez vezes mais perverso, escravizado à minha maldade original; e esse pensamento, naquele instante, me revigorou e deliciou como um bom vinho. Entusiasmado com a novidade de tais sensações, estendi os braços e, de pronto, me dei conta de que havia diminuído de estatura (Stevenson, 2015, p. 97).

Trata-se de um momento limiar, onde a parte reprimida do Dr. Jekyll passa a se concretizar fisicamente, instaurando uma divisão real entre as duas identidades que compartilham o mesmo corpo. Oliveira (1986, p. 184) destaca, "[...] o duplo é, em certo sentido, a materialização do reflexo humano no espelho, pois o seu fundamento é a exata duplicata de um modelo original". No entanto, no caso de Jekyll, a duplicata não é exata, mas parcial e deformada: Hyde é a representação dos aspectos reprimidos de Jekyll, sendo "menos robusto e desenvolvido", sendo esta diferença justificada, como o próprio Jekyll reconhece, em função da falta de exercício desse seu lado oculto.

A partir desta concretização, podemos aplicar o sistema de classificação que reflete o duplo quanto à origem, que no caso de Jekyll é um exemplo claro de cisão, na qual, segundo a definição de Lamas (2002 apud Silva; Leite, 2017, p. 277), "o corte mostra que o eu está em outro lugar e passa a ter uma vida autônoma". E quanto à manifestação, trata-se de um duplo subjetivo-externo, pois o protagonista confronta a si mesmo (subjetivo) através de uma entidade que ganha um corpo físico e age no mundo (externo), conforme a tipologia de Jourde e Tortonese (2005 apud Silva; Leite, 2017, p. 277).

É fundamental notar que a primeira reação à emergência de Hyde não é de horror, mas de euforia. A 'ousadia embriagadora' e a sensação de se sentir 'mais perverso, dez vezes mais perverso' são descritas por Jekyll como algo que o 'revigorou e deliciou como um bom vinho' (Stevenson, 2015, p. 97). Hyde, portanto, não nasce como uma maldição, mas como a bem-sucedida materialização de um desejo. Ele se torna, como define Oliveira (1986, p. 190), o veículo através do qual Jekyll pode finalmente 'realizar os desejos interditos a um "gentleman" vitoriano'.

Essa experiência de Jekyll pode ser explicada pelo conceito do duplo como uma projeção psicológica. Embora Jekyll realize seu experimento de forma deliberada, Shymanska (2011) ressalta que o processo de projeção é tipicamente inconsciente: "O problema que surge e que geralmente é a base da escrita gótica é que a pessoa, na maioria dos casos, não tem consciência do processo de projeção" (Shymanska, 2011, p. 9). A tentativa de Jekyll de isolar o mal em outra entidade, no entanto, falha catastroficamente. Em vez de resolver o conflito, a cisão o intensifica, pois, como a autora analisa, "o conflito interno do Dr. Jekyll se desenvolveu em uma batalha tanto por sua mente quanto por seu corpo" (Shymanska, 2011, p. 20), com o duplo se tornando uma força antagônica que desafia o controle do "indivíduo".

Essa "batalha" descrita por Shymanska (2011) é precisamente o que marca a virada trágica da história. O que começou como um ato de projeção controlado, uma ferramenta para a libertação dos desejos, se transforma em uma possessão. O duplo, nascido para ser um servo, revela sua verdadeira natureza de parasita, e a luta de Jekyll deixa de ser contra a sociedade e passa a ser contra si mesmo.

Inicialmente, Jekyll encontra em Hyde uma maneira de liberar seus impulsos reprimidos sem carregar o peso da culpa. No entanto, quanto mais utiliza esse outro lado, mais ele ganha força e autonomia, fazendo com que o controle comece a ruir. Jekyll percebe que criou uma entidade que não consegue mais dominar: "Meu demônio, enjaulado por demasiado tempo, saiu trovejando" (Stevenson, 2015, p. 103). Esse momento marca a virada do experimento vantajoso para um pesadelo incontrollável.

O temor que Jekyll sente não se dava apenas ao medo das ações violentas de Hyde, mas principalmente ao reconhecimento de que tais impulsos sempre habitaram em si. O verdadeiro terror não era a existência de um monstro, mas a constatação de que o monstro era ele mesmo. Essa percepção do pavor no familiar é analisada por França (2009), que define a força do duplo justamente nesse paradoxo: “[...] o mal aqui é identificado não com o que é radicalmente diferente, mas com algo que mantém com o sujeito uma estranha familiaridade” (França, 2009, p. 3). Para Jekyll, Hyde deixa de ser um "outro" conveniente e se revela como o "eu" mais autêntico e aterrorizante.

O ponto de inflexão definitivo, que transforma o experimento de Jekyll de um vício perigoso em uma sentença de morte, ocorre quando ele perde completamente o controle sobre a própria identidade. As transformações em Hyde passam a ser espontâneas e aterrorizantes, e o retorno à forma de Jekyll torna-se cada vez mais difícil e dependente de doses crescentes da poção. A catástrofe se consuma quando seu estoque do sal original — que, ele descobre tarde demais, continha uma "impureza desconhecida" que era o verdadeiro catalisador da fórmula — se esgota. Incapaz de replicar o efeito, Jekyll se vê preso em um beco sem saída: a qualquer momento, pode se transformar em Hyde para sempre, um ser que ele odeia, mas que teme a força demais para se entregar. Encarando a aniquilação de sua consciência original, a única saída que lhe resta é o suicídio, um ato final de controle antes que a última dose da poção perca o efeito. É nesse estado de desespero que ele redige sua confissão, ciente de sua morte iminente:

Esta, portanto, é a última vez, exceto se ocorrer um milagre, em que Henry Jekyll pode pensar seus próprios pensamentos ou ver seu próprio rosto (hoje tão tristemente modificado!) no espelho. Nem devo demorar-me demasiado para terminar: se meu relato escapou da destruição até agora, foi por uma combinação de grande prudência e muita sorte. Caso as dores da transformação me surpreendam no ato de escrever, Hyde rasgará as páginas em pedacinhos; no entanto, se passar algum tempo depois que eu as puser de lado, o extraordinário egoísmo e imediatismo de Hyde provavelmente as salvarão mais uma vez de seu rancor simiesco. E, de fato, a perdição que se aproxima de nós dois já o mudou e oprimiu. [...] Será que Hyde morrerá no patíbulo? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Deus sabe; para mim é indiferente, chegou a hora verdadeira de minha morte, e o que virá no futuro diz respeito a outro que não eu. Aqui, pois, ao descansar a pena e lacrar minha confissão, ponho fim à vida infeliz de Henry Jekyll (Stevenson, 2015, p. 109).

Este testemunho não é apenas um relato, mas o último ato de existência de Henry Jekyll, no qual ele reconhece o fracasso total de seu projeto e aceita a morte como única forma de conter a entidade que libertou.

Contudo, limitar a análise de *O Médico e o Monstro* a uma simples ‘dualidade’ seria ignorar seu aspecto mais inovador e profético. Embora a obra parta da tradição do duplo, ela a atualiza, como apontam Souza e Rossi (2015). O experimento de Jekyll não resulta em uma divisão estável entre dois polos, mas desencadeia uma fragmentação que antecipa as noções pós-modernas de identidade. Essa fragmentação não é apenas psicológica, mas também corpórea. A poção não cria apenas Edward Hyde, mas, como argumentam Souza e Rossi (2015, p. 40), "sintetiza também o corpo do velho Jekyll (aparentemente uno) num envelope portador de dois seres", dando origem a um terceiro elemento: o hospedeiro.

Este "hospedeiro" é a própria criatura que transita de um ao outro, o corpo que "se adapta física e mentalmente à personalidade que no momento está consciente" (Souza; Rossi, 2015, p. 40). A existência dessa terceira instância, que observa e narra o conflito, fica evidente na própria confissão final de Jekyll. A voz narrativa do relato muda constantemente, revelando a pluralidade de seres que habitam aquele corpo. Em certos momentos, é o Dr. Jekyll quem fala, com suas memórias e aspirações: "Nasci no ano de 18..., numa família de grande fortuna, dotado de talentos consideráveis [...]" (Stevenson, 2015, p. 95). Em outros, a voz assume a perspectiva e a culpa de Hyde: "Um ato de crueldade contra uma criança atraiu sobre mim a ira de um transeunte [...]" (Stevenson, 2015, p. 100). E, de forma mais reveladora, emerge uma terceira voz, a do hospedeiro, que se distancia dos dois e os descreve como entidades separadas: "Senti que teria agora de escolher entre elas. Minhas duas naturezas tinham uma memória em comum [...]" (Stevenson, 2015, p. 102) ou "Jekyll era agora minha cidadela de refúgio [...]" (Stevenson, 2015, p. 105). Essa oscilação comprova que não se trata de uma simples dualidade, mas de uma "triplicação" (Souza; Rossi, 2015, p. 41).

A prova máxima desta transição do duplo para o múltiplo está na tese formulada pelo próprio protagonista em seu momento de mais lúcida agonia. Ao final de seu relato, Jekyll teoriza sobre sua própria condição e a estende para toda a humanidade, numa profecia assustadora sobre a natureza do sujeito:

Digo duplo porque, no estágio de conhecimento em que me encontro, não posso ir além desse ponto. Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas; e ousou sugerir que o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes (Stevenson, 2015, p. 96).

Dessa forma, a jornada de Jekyll, que se inicia com a tentativa de separar as "províncias do bem e do mal" como uma solução para a "profunda duplicidade de vida" imposta pela repressão vitoriana (Stevenson, 2015, p. 95), resulta paradoxalmente na descoberta do colapso da própria ideia de um sujeito uno e coeso. A obra, portanto,

transcende a simples dualidade ao documentar o surgimento de uma identidade fragmentada (Souza; Rossi, 2015), culminando na tese profética de que "o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes" (Stevenson, 2015, p. 96). Com isso, Stevenson não apenas conclui a jornada de seu personagem, mas redefine a própria figura do duplo para a posteridade. Ele deixa de ser um mero espelho da moral para se tornar um prenúncio da fragmentação do sujeito moderno. Esse legado, que atualiza a tradicional figura do duplo, serve como a base fundamental para a análise que se segue. É precisamente essa noção de uma subjetividade estilhaçada que será ressignificada e atualizada na série *Mr. Robot*, que transporta o debate sobre a identidade para o contexto das crises psíquicas e da hiperconectividade da era digital.

2.3 A Fragmentação da Identidade em *Mr. Robot*

Mr. Robot é uma série de televisão norte-americana que teve 4 temporadas, criada por Sam Esmail, é protagonizada como Elliot Alderson (Rami Malek), um engenheiro de cibersegurança e *hacker* que sofre de transtorno de ansiedade social, depressão e transtorno dissociativo de identidade. Apresentar-se-á uma breve sinopse da série: Na 1ª temporada, Elliot, um hacker com transtornos psíquicos, descobre que Mr. Robot, o líder do grupo revolucionário que o recruta, é uma projeção de seu falecido pai. A 2ª temporada foca nas consequências do hack 5/9 e no domínio crescente do duplo sobre o protagonista. Já a 3ª temporada acompanha a tentativa de Elliot de reverter a revolução, colocando-o em conflito direto com seu alter ego. Por fim, a 4ª temporada conclui a jornada revelando a verdadeira natureza do trauma que originou a fragmentação de Elliot, levando à sua integração final.

Se em Stevenson a fragmentação da identidade era uma profecia contida na confissão de um médico, em *Mr. Robot*, de Sam Esmail, ela é a condição existencial do protagonista desde a cena de abertura. A dualidade não é um segredo, mas o ponto de partida. Elliot Alderson descreve sua própria cisão em um de seus primeiros monólogos: "[...] de dia, apenas um engenheiro de segurança cibernética regular. [...] de noite, um hacker vigilante" (Mr.Robot, 2015, T1:E1). Essa vida dupla, no entanto, é mais complexa que a de Jekyll. Além da ansiedade social severa, Elliot revela à sua terapeuta que tem alucinações com homens de preto que o seguem. Sua principal forma de se relacionar com o mundo é através da violação: ele hackeia todas as pessoas de seu círculo social, pois acredita que apenas assim pode descobrir quem elas realmente são. Diferente da clara separação moral de Jekyll, a cisão de Elliot levanta uma questão mais complexa: seria uma luta entre um lado que odeia a sociedade

e outro que a tolera? Entre o rebelde e o conformado? Ou, mais precisamente, entre o lado reprimido e o que reprime?

O universo opressor que molda Elliot é o da conspiração e do controle corporativo. Desde sua fala inicial, ele se dirige ao seu "amigo" imaginário para falar sobre o "1% do 1% que controla o mundo" (Mr. Robot, 2015, T1:E1). Esse controle tem um nome e um rosto: a E-Corp, um conglomerado que ele apelida de "Evil Corp". A angústia de viver sob esse sistema é capturada em um de seus monólogos, onde a estética visual reforça sua alienação — o formalismo do escritório contrastando com o moletom preto que se torna seu uniforme de vigilante:

Às vezes, eu sonho em salvar o mundo. Salvar a todos da mão invisível. Aquela que nos marca com um crachá de funcionário. Aquela que nos força a trabalhar para eles. Aquela que nos controla todos os dias sem que saibamos. Mas eu não consigo pará-la. Eu não sou tão especial. Eu sou apenas anônimo. Estou apenas sozinho (Mr. Robot, 2015, T1:E1).

Essa sensação de impotência o leva a um colapso emocional, evidenciando que sua revolta nasce de uma profunda solidão. É nesse contexto de saturação midiática, que ele rejeita ao "odiar o Facebook", e de poder corporativo invisível que a série estabelece seu "reino de besteira", uma realidade que Elliot se sente compelido a destruir.

Para imergir o público em sua percepção fragmentada, a série utiliza como principal estratégia narrativa a quebra da quarta parede². John Lynch (2019) analisa precisamente este mecanismo que estabelece a relação central da obra:

Em *Mr. Robot*, o dispositivo narrativo de se dirigir ao espectador como um 'amigo' imaginário estabelece uma conexão imediata com o universo do personagem, ao mesmo tempo em que revela um fato central: sua comunicação é tanto uma necessidade para a trama quanto um sintoma de sua instabilidade psíquica (Lynch, 2019, p. 21).

Essa abordagem, como aponta Lynch (2019), nos transforma instantaneamente em confidentes de Elliot. Ele nos fala diretamente (Mr. Robot, 2015, T1:E1), e com isso nos torna cúmplices de suas ações e, crucialmente, de seus delírios. Somos inseridos em sua fragmentação psíquica, forçados a navegar junto com ele pela incerteza do que é real. Um exemplo marcante ocorre quando Elliot, ao investigar um ataque hacker contra a E-Corp,

² O termo "quebra da quarta parede" refere-se à transgressão do limite virtual que transforma o ato teatral em uma janela para outra realidade, separada do público. O conceito descreve, portanto, o ato de ultrapassar essa barreira para que ator e público possam interagir diretamente, abandonando a ilusão de que o espectador é apenas um observador invisível da ação cênica. Cf. CIRINO, Nathan N. ARG: a quebra da quarta parede no cinema. Revista TEMATICA, ano IX, n. 11, p. 1-17, nov. 2013.

encontra um arquivo deixado pelos invasores e percebe que a mensagem "LEAVE ME HERE", traduzida como "Deixe-me aqui", foi deixada para ele (Mr. Robot, 2015, T1:E1). Nesse momento, ele relata que "algo dentro dele" não o deixa apagar o arquivo, um primeiro indício de que outra força atua através dele, uma força que ele ainda não compreende.

2.3.1 A Fragmentação Psíquica e a Origem no Trauma

Essa força que atua em Elliot, se materializa na figura de Mr. Robot, o personagem que dá título à série. Sua primeira aparição concreta ocorre de forma enigmática em um vagão de trem, onde surge como um homem maltrapilho que tenta, sem sucesso, iniciar um diálogo com Elliot (Mr. Robot, 2015, T1:E1). A existência de Mr. Robot na narrativa exemplifica o fenômeno do duplo, que, segundo Marly de Oliveira (1986, p. 184), é "a materialização do reflexo humano no espelho", representando a "divisão do homem". Mr. Robot é, portanto, a personificação da cisão de Elliot, a manifestação física de uma faceta de sua personalidade.

A criação desse duplo pode ser analisada pelo viés da projeção psicológica, um mecanismo de defesa no qual o indivíduo atribui a uma entidade externa os desejos e características que rejeita ou não consegue assumir em si mesmo. Conforme descreve Kira Shymanska (2011, p. 9), esse processo consiste na expulsão de "traços sombrios inaceitáveis [...]", que passam a ser "[...] percebidos como estando localizados em algo externo [...]". Aplicando o arcabouço teórico adotado, podemos fazer uma classificação inicial. Quanto à origem, Mr. Robot nasce de uma *cisão* (Bargalló, 1994 apud Silva; Leite, 2017, p. 277), um "corte" na psique de Elliot que permite a uma parte sua ter vida autônoma. Quanto à manifestação, trata-se de um *duplo subjetivo-externo* (Jourde; Tortonese, 2005 apud Silva; Leite, 2017, p. 277), pois Elliot confronta a si mesmo através de uma figura que age fisicamente no mundo. Mr. Robot funciona precisamente como essa projeção: ele é a faceta agressiva, confiante e revolucionária de Elliot, que sua personalidade consciente, marcada pela ansiedade, não consegue expressar.

A função desse duplo, no entanto, transcende a simples manifestação de um conflito interno. A emergência de Mr. Robot é o que possibilita o que Stefan Bolea (2015, p. 318) define como a "revolução do eu". Nessa perspectiva, a cisão psíquica não é um obstáculo, mas o motor da transformação, pois "sem a revolução do eu, nenhuma revolução 'real' e objetiva é possível". A fragmentação de Elliot, embora patológica, torna-se uma ferramenta funcional dentro da lógica da série. A "loucura" é ressignificada como uma forma de lucidez e a criação

do duplo se torna a própria condição de possibilidade para que a revolta de Elliot saia do plano do sonho e da impotência para o da ação concreta.

A construção do duplo em *Mr. Robot* não é aleatória ou puramente patológica; ela está intrinsecamente ligada a um propósito. Mr. Robot emerge na psique de Elliot com uma razão de ser clara e definida: executar o plano de cancelar totalmente todas as dívidas e resetar o sistema econômico. Esse plano revolucionário, que para a personalidade consciente de Elliot é apenas um sonho de impotência — "Eu não consigo pará-la. [...] Estou apenas sozinho" —, torna-se um projeto tangível através de sua projeção. O duplo, aqui, funciona como um veículo para a transgressão, um conceito que Marly de Oliveira (1986, p. 190) explora em sua análise de *O Médico e o Monstro*:

Além disso, Jekyll representa socialmente um bom homem, sabe muito bem o quanto é confortável ser bom como Jekyll e mal como Hyde. Como Jekyll, ele é amado por seus amigos e goza do prazer e do prestígio social; como Hyde, pode realizar os desejos que Jekyll não pode. Diga-se que como Hyde, Jekyll realiza os desejos interditados a um "gentleman" vitoriano (Oliveira, 1986, p. 190).

Traçando um paralelo, o duplo em *Mr. Robot* cumpre a mesma função, mas atualiza a natureza do desejo. Para Elliot, o "desejo interdito" não é a libertinagem de um cavalheiro vitoriano, mas a própria insurreição. Mr. Robot é, portanto, a personificação da vontade de agir, a confiança e a liderança que Elliot precisou projetar externamente para transformar sua fantasia de "salvar o mundo" em algo real.

À medida que o plano revolucionário avança, a dinâmica de poder entre Elliot e seu duplo se altera drasticamente. Se Mr. Robot surge inicialmente como a personificação de um desejo, a execução do plano o fortalece, permitindo que ele assuma progressivamente o controle sobre as ações de Elliot. Esse processo de transferência de agência tem um marco inicial claro no primeiro episódio. Ao descobrir o arquivo "*fsociety00.dat*" deixado pelos hackers, a reação profissional e consciente de Elliot é deletá-lo. No entanto, ele se vê incapaz de fazê-lo, relatando que "algo dentro dele" o impede (Mr. Robot, 2015, T1:E1). Esse "algo" é o duplo, já em ação, sobrepondo-se à vontade do "eu" original para proteger sua própria razão de ser: a revolução. O que começa como uma influência sutil se desenvolve para o fenômeno que Julio França (2009, p. 3) descreve da seguinte forma:

Em alguns casos, o duplo se destaca a ponto de desenvolver uma existência mais ou menos autônoma. Apesar dos diversos graus, a dependência entre duplicata e duplicado é obviamente essencial, uma vez que algo só é percebido como duplo sendo o duplo de outra coisa que não ela própria (França, 2009, p. 3).

Esse fortalecimento do duplo ocorre de forma diretamente proporcional à complexidade e aos riscos do hack. Quanto mais o plano exige ações que a personalidade fóbica e hesitante de Elliot não poderia cometer, mais Mr. Robot assume o comando. Assim como Shymanska identifica em *O Médico e o Monstro* como uma "batalha por sua mente e corpo" (2011, p. 19), em *Mr. Robot* é a luta pela execução do plano. Isso culmina nos recorrentes apagões e perdas de memória que Elliot sofre ao longo da história. Ele acorda descobrindo ações que não se lembra de ter cometido, pois foram executadas por Mr. Robot, que utilizou o corpo que compartilham para garantir que a revolução não fosse abortada pela hesitação de seu criador. A execução do hack é, portanto, o próprio mecanismo que consolida a dominância do duplo, transformando Elliot de um agente consciente em um espectador de sua própria vida e, por fim, em um passageiro dentro de seu próprio corpo.

O clímax da construção do duplo na primeira temporada de *Mr. Robot* ocorre quando a execução do plano revolucionário e a crise de identidade de Elliot convergem. Nos episódios finais da primeira temporada, enquanto o hack 5/9 se torna uma realidade iminente, os apagões e a perda de controle de Elliot o forçam a confrontar a verdadeira natureza de Mr. Robot. Não é coincidência que o clímax da trama — o "êxito da revolução", como aponta Bolea (2015) — aconteça exatamente nos episódios em que a identidade do duplo é revelada. O cumprimento do propósito do duplo desencadeia a descoberta de sua origem. Este momento de revelação ilustra de forma contundente o conceito do duplo como fonte de horror, não pela sua diferença, mas pela sua semelhança. Julio França (2009) define com precisão a natureza desse terror: “Contudo, a aversão a esse “outro” representado pelo duplo, possui uma força ainda mais terrível: o mal aqui é identificado não com o que é radicalmente diferente, mas com algo que mantém com o sujeito uma estranha familiaridade [...]” (França, 2009, p. 3-4).

Para Elliot, o verdadeiro pavor não é descobrir um inimigo ou um estranho, mas reconhecer em Mr. Robot a imagem de seu próprio pai, Edward Alderson, e, conseqüentemente, uma parte indissociável de si. A "estranha familiaridade" que o assombrava se cristaliza na mais íntima e dolorosa das verdades, transformando a projeção em um espelho brutal de sua própria história e de seus traumas.

Assim, a jornada de Elliot na primeira temporada completa o ciclo de construção do duplo. O protagonista, até então inconsciente de sua própria condição, é forçado a confrontar a verdade de sua psique fragmentada. A função do duplo, em sua forma mais fundamental, é forçar essa autoconsciência, por mais terrível que seja. França (2009) conclui sua análise sobre o tema do duplo com uma reflexão que se aplica perfeitamente ao destino de Elliot:

Talvez [...] o que ele [o duplo] carrega de tão aterrorizante: a visão do duplo é o modo doloroso de cumprirmos a recomendação inscrita nos pórticos do Templo de Apolo em Delfos: "Conhece-te a ti mesmo". O terror de sermos quem somos (França, 2009, p. 6-7).

A construção do duplo, na primeira temporada da série, se conclui quando Elliot descobre que Mr. Robot é uma projeção de sua mente. Ao cumprir seu propósito revolucionário, o duplo força seu criador a se reconhecer no reflexo de seu próprio ato, deixando-o para lidar com as consequências de uma revolução que ele liderou sem saber e de uma identidade que ele agora sabe estar irremediavelmente fraturada.

A descoberta de que Mr. Robot é uma projeção de seu pai não resolve o conflito interno de Elliot; pelo contrário, ela o transforma. A luta, que antes era inconsciente e misteriosa, torna-se uma guerra civil explícita pelo controle de sua mente e de seu corpo. Se na primeira temporada Elliot era um protagonista confuso, tentando entender uma força externa que o manipulava, nas temporadas seguintes ele se torna um agente consciente que tenta ativamente exorcizar, negociar e lutar contra uma parte de si mesmo, o Mr. Robot.

A dinâmica evolui de uma investigação sobre o "outro" para uma batalha direta contra o "eu". Essa nova fase é marcada por uma intensa "batalha por sua mente e corpo". Para tentar suprimir Mr. Robot, Elliot cria rotinas obsessivas e se isola em um ambiente controlado, que ele imagina ser a casa de sua mãe, mas que posteriormente é revelado ser uma prisão, onde havia sido preso por hackear e roubar o marido de sua terapeuta. A complexa luta pelo domínio entre as personalidades é precisamente analisada por John Lynch, que descreve a dinâmica como um beco saída: "Elliot e Mr. Robot parecem presos em um jogo de soma zero, no qual um busca iniciar uma mudança radical no mundo com toda a sua violência inerente, e o outro mostra sinais da exaustão que paira sobre qualquer transição entre o evento e o vazio" (Lynch, 2019, p. 26). Essa condição de impasse é simbolizada, como o próprio Lynch aponta em nota de rodapé, pelas partidas de xadrez que os dois disputam e que sempre terminam em empate. A relação se solidifica, portanto, como uma interdependência antagônica; Elliot percebe que não pode simplesmente apagar Mr. Robot, pois o duplo detém memórias, habilidades e o impulso que, por vezes, são necessários para sobreviver.

A dificuldade de Elliot em "apagar" Mr. Robot pode ser compreendida clinicamente pelo fenômeno da amnésia dissociativa, um dos pilares do diagnóstico de TDI (Almeida *et al.*, 2020, p. 3). Conforme descrito na literatura, "a amnésia em indivíduos com transtorno dissociativo de identidade não se limita a eventos estressantes ou traumáticos; essas pessoas com frequência também não conseguem recordar os eventos cotidianos" (Almeida *et al.*,

2020, p. 4). Essa condição manifesta-se em lapsos de memória sobre o que aconteceu no dia, sobre habilidades bem aprendidas e, crucialmente, na "descoberta de evidências de tarefas cotidianas que não lembrar terem feito" (Almeida *et al.*, 2020, p. 4). Dessa forma, Mr. Robot não é uma entidade a ser deletada, mas um estado de identidade que detém memórias e competências que estão inacessíveis a Elliot. Tentar "apagar" o duplo seria, portanto, uma tentativa fútil de apagar partes de si mesmo que, embora conflituosas, são funcionais e guardam memórias indispensáveis à completude do sujeito. A jornada de Elliot não é de exorcismo, mas de uma dolorosa e necessária integração.

A compreensão de que Mr. Robot é uma parte inerente de sua psique, e não um inimigo externo a ser derrotado, é o ponto de virada fundamental da série. A partir dessa revelação, o objetivo de Elliot se transforma: a certeza revolucionária de Mr. Robot, que antes o guiava, agora é vista com desconfiança. Isso leva Elliot a tentar reverter as consequências do hack na terceira temporada, em uma oposição direta aos planos de seu duplo. A análise pós-revelação demonstra, portanto, a complexidade do duplo em *Mr. Robot*: ele não é um simples monstro a ser derrotado, como Hyde, mas uma parte funcional e permanente da psique fraturada do herói. A questão deixa de ser "quem é Mr. Robot?" para se tornar "como é possível existir sendo dois?".

2.3.2 Ideologia e Niilismo: O Duplo como Arquétipo Político

Para além da função psicológica, a construção do duplo em *Mr. Robot* serve para personificar uma ideologia radical. Mr. Robot não é apenas uma projeção dos traumas de Elliot; ele é a encarnação de uma filosofia política e existencial. Conforme aponta Bolea (2015, p. 316), Mr. Robot é um "anarquista carismático". Sua função como duplo é, portanto, fornecer a certeza ideológica que falta a Elliot, transformando a angústia pessoal do protagonista em uma causa revolucionária.

A ideologia radical personificada em Mr. Robot pode ser compreendida como uma resposta direta ao que o filósofo Mark Fisher (2020) denominou Realismo Capitalista. Trata-se de uma "atmosfera penetrante, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação, agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando o pensamento e a ação" (Fisher, 2020, p. 33). Essa ideologia se manifesta como "o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele" (Fisher, 2020, p. 10). A consequência psíquica dessa atmosfera é um estado de impotência reflexiva:

Eles sabem que as coisas vão mal mas mais do que isso, “sabem que não podem fazer nada a respeito”. No entanto, este “conhecimento”, esta reflexão, não é uma observação passiva de um estado das coisas já existente. É uma profecia autorrealizável (Fisher, 2020, p. 43).

Mr. Robot surge, então, como a quebra violenta dessa impotência. Ele é a encarnação de uma contra-ideologia que não apenas critica o sistema, mas nega sua própria realidade, chamando-o de "reino de besteira". Seu anarquismo niilista é a força necessária para romper a barreira do realismo capitalista, transformando a angústia paralisante de Elliot em ação revolucionária.

Essa filosofia, que funde o anarquismo com um profundo niilismo, é verbalizada de forma magistral em um dos momentos mais icônicos da série. No discurso que Mr. Robot profere para Elliot em Times Square, o coração do "hiper-real" que ele tanto despreza, o duplo apresenta seu manifesto, questionando a própria natureza da realidade:

Algo disso é real? Digo, olhe para isto. Olhe! Um mundo construído sobre fantasia. Emoções sintéticas em forma de pílulas. Guerra psicológica em forma de publicidade. Químicos que alteram a mente em forma de... comida! Seminários de lavagem cerebral em forma de mídia. Bolhas controladas e isoladas em forma de redes sociais. Real? Você quer falar sobre realidade? Nós não vivemos em nada remotamente próximo a ela desde a virada do século. [...] Nós vivemos em um reino de besteira (Mr. Robot, 2015).

Este discurso funciona como a justificativa filosófica para a revolução. Ao declarar que o sistema é, em sua essência, falso — um "reino de besteira" —, Mr. Robot elimina qualquer barreira moral para a sua destruição. Se nada é real, para ele, destruir tudo não é um ato de terrorismo, mas de purificação; um "niilismo ativo" que busca uma autenticidade perdida através da violência. Essa certeza ideológica é precisamente o que Elliot, em sua paralisia e dúvida, não possui. Portanto, a função do duplo aqui é ser o filósofo da revolução, o guru que oferece a Elliot não apenas o plano, mas a permissão moral e existencial para executá-lo.

Além de sua função ideológica, a construção do duplo em Mr. Robot está fundamentalmente enraizada em um trauma pessoal e não resolvido. Essa profunda conexão pode ser analisada academicamente pela etiologia do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), uma condição fortemente associada a traumas severos na infância. A literatura científica explica que a criação de identidades alternativas (*alters*) funciona como um sofisticado mecanismo de defesa contra o trauma. O psicólogo e professor Everton de Oliveira Maraldi descreve com precisão este mecanismo:

A criação e manutenção das personalidades alternativas constituiria um mecanismo complexo de defesa contra o trauma, em que a personalidade biograficamente dominante negaria e reprimiria o evento, dele se esquecendo (amnésia), mas deixando-o cativo, no entanto, com outras personalidades. Em termos simbólicos, seria o equivalente a dizer: “isso não ocorreu comigo, mas com outra pessoa”. A divisão interna da identidade é também considerada resultante do próprio impacto da experiência traumática, observada geralmente em tenra infância, o que viria a prejudicar o desenvolvimento posterior de uma identidade e autoconceito relativamente estáveis (ROSS, 1989). Para muitos, o TDI resultaria, dessa forma, de um quadro de estresse pós-traumático (GLEAVES; MAY; CARDEÑA, 2001) (Maraldi, 2019, p. 7).

Nesse sentido, Mr. Robot não é apenas uma projeção do trauma de Elliot, mas um *alter* protetor, criado para conter a dor e a raiva, permitindo que a personalidade de Elliot continuasse a funcionar em meio a uma perturbação que se tornou crônica e definidora de sua psique. E a forma que este *alter* protetor assume não é aleatória: Mr. Robot assume a aparência e a persona do pai falecido de Elliot. Essa decisão narrativa estabelece que o motor da revolução não é apenas político, mas profundamente pessoal. A morte do pai de Elliot por leucemia é um evento atribuído à negligência calculada de uma subsidiária da E-Corp. Assim, o alvo da revolução (E-Corp) é o mesmo alvo da raiva e do luto do protagonista. O duplo surge, portanto, no nexo exato onde o trauma pessoal e a injustiça social se encontram.

Mr. Robot, no entanto, não é uma simples idealização nostálgica do pai perdido. Ele é uma figura profundamente ambivalente, que encarna as memórias conflitantes que Elliot tem de seu pai: o dono amável da loja de informática e o homem que, em um acesso de raiva, o empurrou de uma janela. O duplo funciona, assim, como uma reencenação constante desse relacionamento traumático. A dinâmica entre Elliot e Mr. Robot oscila entre proteção e agressão, encorajamento e manipulação. Essa complexidade é o que torna a projeção tão poderosa e realista. Lynch descreve como essa "voz-do-Pai" invade a consciência de Elliot, argumentando que a escala do que ele tenta fazer (o hack) gera uma resposta psicológica complexa: “Essa ação, no entanto, precipita dentro dele uma fragmentação, como resultado da própria escala do que ele está tentando fazer e, no que pode ser visto como um gesto compensatório, gera a alucinação nostálgica de Mr. Robot” (Lynch, 2019, p. 22).

O "gesto compensatório" não é apenas criar um líder revolucionário, mas recriar um pai. Um pai que pudesse protegê-lo, mas que também carrega a semente da violência que o marcou. O hack 5/9, sob essa ótica, é ressignificado: mais do que uma redistribuição de riqueza, é uma vingança póstuma. É um ato de um filho que cria um duplo à imagem do pai para destruir a entidade que o matou. A "revolução do eu" de Elliot não é apenas sobre se tornar um anarquista, mas sobre a tentativa desesperada de um jovem traumatizado de dar

sentido à sua dor, processar o luto e reescrever uma história familiar trágica através de um ato de rebelião em escala global.

2.3.3 Da Cisão à Integração: A Jornada Final

A natureza exata do trauma fundador, que serve de motor para a criação do duplo, é o segredo mais bem guardado da série, sendo revelado apenas no clímax da quarta temporada, no episódio 4.07. Em uma longa e torturante sessão de terapia, Elliot é forçado a confrontar a memória que Mr. Robot foi criado para suprimir: a de que seu pai o abusava sexualmente na infância. Essa revelação permite compreender a criação de Mr. Robot não como uma escolha, mas como uma necessidade psíquica. A existência de um duplo, neste contexto, pode ser entendida a partir de sua definição mais fundamental, como aponta Marly de Oliveira (1986, p. 184): “O duplo é, em certo sentido, a materialização do reflexo humano no espelho, pois o seu fundamento é a exata duplicata de um modelo original. Por outro lado, a imagem duplicata expressa a divisão do homem [...]”.

Aplicando essa definição a Elliot, Mr. Robot é a "materialização" de uma imagem que ele precisava desesperadamente ver refletida: a de um pai protetor e idealizado. Ele é a "exata duplicata" não do pai real, mas do pai que deveria ter existido. Sua criação é o ato que "expressa a divisão do homem" no sentido mais literal: a mente de Elliot, incapaz de conter a contradição de um pai que era ao mesmo tempo amado e agressor, se divide. Mr. Robot se torna o receptáculo de todas as qualidades positivas, permitindo que a memória intolerável do abuso seja reprimida e isolada do "eu" consciente. O duplo, portanto, funciona como um pilar de sustentação, uma ficção necessária que permitiu a sobrevivência psíquica de Elliot diante de uma verdade que o destruiria.

O desfecho da série, no episódio final, expande e conclui essa ideia de "ficção necessária", revelando que a própria identidade do protagonista que acompanhamos era, em si, uma camada de proteção. Em uma sessão de terapia final, que ocorre em um plano mental, descobre-se que o Elliot narrador é, na verdade, "O Mestre" (The Mastermind), outra personalidade criada a partir da raiva e do desejo de vingança de Elliot. Ele faz parte de um sistema complexo de alters — junto com Mr. Robot (o protetor), a Mãe (a perseguidora) e o Jovem Elliot (o receptáculo do trauma) — todos com um único propósito: proteger o "Elliot real", a personalidade original que permaneceu adormecida e segura enquanto os outros duplos enfrentavam o mundo. A série, assim, parece levar ao limite a profecia de Stevenson

(2015, p. 96), que já antevia o homem não como um ser meramente duplo, mas como algo muito mais complexo:

Digo duplo porque, no estágio de conhecimento em que me encontro, não posso ir além desse ponto. Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas; e ousar sugerir que o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes (Stevenson, 2015, p. 96).

Portanto, a série não se limita ao arquétipo clássico do duplo, mas avança para ilustrar essa visão de uma psique fragmentada em múltiplas entidades quase autônomas, exatamente como previsto por Stevenson.

A resolução desse conflito marca a maior ressignificação que *Mr. Robot* oferece ao tema do duplo. Ao contrário do destino trágico de aniquilação mútua, comum na literatura gótica, a série propõe uma conclusão moderna e terapêutica: a integração. O clímax não é a destruição do duplo, mas a sua aceitação. A jornada de "O Mestre" para entender sua verdadeira natureza ilustra perfeitamente a reflexão de França (2009, p. 6-7) sobre a função última do duplo: "Talvez [...] o que ele [o duplo] carrega de tão aterrorizante: a visão do duplo é o modo doloroso de cumprirmos a recomendação inscrita nos pórticos do Templo de Apolo em Delfos: "Conhece-te a ti mesmo". O terror de sermos quem somos".

Elliot, através de sua personalidade "Mestre", enfrenta o "terror de ser quem é" — nesse caso, uma parte, e não o todo — e, em seu ato final, cede o controle de volta à consciência original. Os duplos não morrem; eles se sentam na plateia da mente de Elliot, reconhecendo que sua função protetora foi cumprida. A construção do duplo em *Mr. Robot* se encerra, portanto, não com a eliminação da fratura, mas com a aceitação de todas as suas partes, sugerindo um caminho para a cura, não pela aniquilação, mas pela integração.

Ao final deste percurso analítico, que explorou individualmente a construção do duplo em *O Médico e o Monstro* e em *Mr. Robot*, torna-se evidente como a mesma figura literária é mobilizada para diagnosticar as crises de diferentes épocas. Em Stevenson, vimos um duplo que nasce de uma cisão deliberada, uma tentativa científica e moral de separar o bem e o mal em resposta à repressão da sociedade vitoriana, mas que, paradoxalmente, resulta na profecia de uma identidade múltipla e fragmentada. Em *Mr. Robot*, por sua vez, testemunhamos essa profecia se realizar: o duplo emerge não de uma escolha consciente, mas de um trauma profundo, manifestando-se como parte de um complexo sistema de personalidades criado para garantir a sobrevivência psíquica em um mundo de alienação digital e poder corporativo. Seus desfechos também apontam para caminhos distintos: de um lado, a aniquilação trágica; do outro, uma dolorosa, porém esperançosa, integração.

É a partir dessas bases, que detalham a jornada da dualidade à multiplicidade, que a análise comparativa do capítulo seguinte se desenvolverá, investigando as continuidades e transformações dessa poderosa alegoria da condição humana.

3 ANÁLISE COMPARATIVA NA CONSTRUÇÃO DO DUPLO

Este capítulo se dedica à análise comparativa da construção do duplo em *O Médico e o Monstro* e *Mr. Robot*, investigando a evolução e a ressignificação do arquétipo. Para tanto, a metodologia adotada consiste em uma análise comparativa focada nos objetos de estudo. O procedimento foi a seleção de trechos e cenas-chave de cada obra que ilustram a construção da figura do duplo e, a partir daí, a confrontação direta desses elementos para investigar as semelhanças e diferenças no desenvolvimento do tema. Trata-se de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, centrada na análise imanente das obras.

O ponto de partida para esta comparação é a noção de que, em ambas as narrativas, a figura do duplo manifesta uma profunda crise de identidade. Conforme assevera Bock (2008), a crise de identidade:

[...] acontece quando o indivíduo passa por questionamentos profundos sobre si mesmo e sobre o papel que desempenha na sociedade, além do processo de reconstrução de um ser autônomo. Essa crise se estabelece com frequência em momentos de transição, como a adolescência, no qual o sujeito passa a questionar valores e papéis que a ele foi dado como normal. Nesse processo, ele pode sentir-se perdido ou sem um direcionamento, uma vez que os antigos referenciais não mais lhe satisfazem e os novos ainda não estão plenamente consolidados (Bock, 2008, apud Rocha; Silva; Leal, 2024, p. 12794).

Pode-se intuir, a partir do trecho em destaque, que tanto Dr. Jekyll, pressionado pela repressão social vitoriana, quanto Elliot Alderson, fragmentado pelo trauma e pela alienação digital, personificam essa crise. Tendo explorado as bases do tema e sua construção particular em cada obra, o objetivo desta análise é demonstrar como a cisão do eu evolui, de uma separação binária nascida da repressão social para um sistema complexo de personalidades que emerge do trauma e da desilusão com o mundo.

Ao fazer uma análise comparativa revela-se que estamos lidando com fenômenos de ordens diferentes: de um lado, uma dualidade deliberada em *O Médico e o Monstro*; de outro, uma multiplicidade reativa e sistêmica em *Mr. Robot*. A distinção se torna nítida quando investigamos a origem do duplo em cada obra. Em Stevenson, a cisão é um ato de vontade, uma escolha consciente. Conforme aponta Oliveira (1986, p. 190), “a decisão de Jekyll de

isolar ativamente sua 'província do mal' [...] transforma em uma entidade latente [...] Hyde, portanto, se torna o veículo através do qual Jekyll pode 'realizar os desejos interditados a um gentleman vitoriano'".

Em *Mr. Robot*, a origem não é uma escolha, mas uma necessidade psíquica. A cisão é uma reação inconsciente a um trauma intolerável, como a própria série revela ao explicar a criação do sistema de *alters*:

A primeira personalidade foi criada no dia em que Elliot pulou da janela [...] O Protetor [...] aquele que Elliot criou para substituir seu pai, para protegê-lo de situações intoleráveis. [...] Mais tarde na vida, Elliot criou a personalidade da Mãe, a Persecutora, culpando Elliot pelo abuso. [...] Não muito depois dela, veio o eu mais jovem de Elliot, que emergiu para lidar com o abuso que ele não podia tolerar (Mr. Robot, 2019).

O catalisador da transformação em cada obra também merece análise. A poção de Jekyll funciona como um *phármakon*, um “agente da transgressão” (Derrida, 2005 apud Souza & Rossi, 2015, p. 1956) que é, ao mesmo tempo, remédio e veneno. De forma análoga, embora não surja de um agente químico, o sistema de *alters* de Elliot funciona como um “phármakon psíquico”: protege e destrói, cura e adocece.

A revelação da existência do "Mastermind" estabelece a diferença fundamental na arquitetura da identidade de cada protagonista. Em *O Médico e o Monstro*, acompanhamos um eu original, Dr. Jekyll, que deliberadamente cria seu duplo. Sua confissão narra a experiência em primeira pessoa, como um criador que se maravilha com sua criação:

Ao primeiro sopro dessa nova vida, eu me sabia mais perverso, dez vezes mais perverso [...] e esse pensamento, naquele instante, me revigorou e deliciou como um bom vinho. Entusiasmado com a novidade de tais sensações, estendi os braços e, de pronto, me dei conta de que havia diminuído de estatura (Stevenson, 2015, p. 97).

Em *Mr. Robot*, a estrutura é invertida. A grande revelação da série é que o "eu" que acompanhamos desde o início já é o duplo. Não somos testemunhas da criação, mas cúmplices inconscientes de uma persona criada para proteger o original: "Uma personalidade criada para carregar a raiva de Elliot [...] o hacker vigilante que Elliot sempre imaginou ser [...] aquele que buscava vingança" (Mr. Robot, 2019). A verdade é dita de forma explícita em uma das cenas finais da série: Ela [a terapeuta] nunca percebeu que não estava falando com o verdadeiro Elliot. Ela não percebeu que estava sempre falando com... você. [...] Você não é o Elliot. Você é o Mastermind. (Mr. Robot, 2019).

Apesar dessa diferença de origem, ambas as obras partem de uma cisão, conceito que, segundo Bargalló (1994 apud Silva; Leite, 2017, p. 277), define a divisão do eu. A partir daí, as manifestações de Mr. Hyde, Mr. Robot e o Mastermind podem ser classificadas, conforme Jourde e Tortonese (2005 apud Silva; Leite, 2017, p. 277), como um duplo subjetivo-externo. Ele é subjetivo, pois nasce de uma parte interna da psique, mas se manifesta como externo, ganhando corpo e agência no mundo. A força da comparação está em notar que, embora partilhem a mesma estrutura tipológica, a função e a origem desses duplos são radicalmente diferentes.

A progressão do domínio do duplo também segue um paralelo: assim como Hyde ganha força sobre Jekyll, Mr. Robot e o Mastermind tomam decisões cruciais por Elliot. A diferença está na natureza desse domínio: a posse de Hyde é física, uma ameaça ao corpo; o domínio em *Mr. Robot* é psicológico, uma tomada da mente e da memória. Isso se conecta ao mecanismo da projeção. Jekyll projeta conscientemente seus desejos inaceitáveis em Hyde para se livrar da culpa Elliot, por sua vez, projeta inconscientemente suas necessidades: o pai protetor em Mr. Robot e a agência vingativa no Mastermind. A função do Mastermind, em particular, é grandiosa e messiânica, como revelado na cena que ocorre uma “sessão” de terapia mental: “Você [Mastermind] o amava tanto que queria salvar o mundo inteiro para poder torná-lo melhor para ele [Elliot verdadeiro], não importando o custo. É por isso que você o escondeu aqui, transformando sua dura realidade em uma fantasia.” (Mr. Robot, 2019).

Essa cena simboliza um processo descrito por Putnam (1989), no qual a comunicação interna entre personalidades dissociadas emerge como etapa fundamental para a reintegração psíquica:

Duas ou mais personalidades alternadas simplesmente mantêm um diálogo interno, em contraste com os monólogos unidirecionais anteriormente presentes. A capacidade para esse tipo de comunicação provavelmente existe em todo sistema de múltiplas personalidades; a dificuldade está em promovê-la. [...] Em muitos casos, o paciente considera a ideia de personalidades alternadas tão assustadora que a comunicação só tem sucesso quando é inicialmente distanciada e filtrada por meio do terapeuta ou de um quadro de avisos. [...] As conversas internas passam a ser uma porta de entrada para os outros cômodos do self anteriormente negados ao anfitrião. Eventualmente, o paciente pode vivenciar discussões em grupo entre várias personalidades alternadas. [...] A capacidade de manter conversas internas permite ao paciente simular a existência mais contínua de uma personalidade unificada e preencher as lacunas de continuidade causadas pela alternância entre personalidades (Putnam, 1989, p. 156).

Em *Mr. Robot*, a terapeuta que aparece nas cenas finais pode ser interpretada como mais uma personalidade criada pela mente dissociada de Elliot — uma construção psíquica

com a função específica de revelar ao Mastermind a verdade sobre sua origem e sobre os demais integrantes do sistema. Ela não media um diálogo entre as personalidades, mas atua como uma espécie de mensageira final, cuja missão é explicar ao Mastermind que ele não é o verdadeiro Elliot, mas uma persona criada para suportar a dor, agir e proteger o eu real. Essa revelação desencadeia a reintegração do sistema dissociativo, permitindo que o controle seja devolvido ao Elliot verdadeiro, que até então permanecia inconsciente e protegido em uma fantasia criada pelas partes.

Finalmente, a análise nos leva da dualidade para a multiplicidade. A tese da triplicação de Souza e Rossi (2015) que distingue a Criatura (o hospedeiro), Jekyll e Hyde, sugere que a obra aponta para além de uma simples cisão binária. *Mr. Robot* leva essa ideia ao extremo, com seu sistema explícito de múltiplas personalidades. É a materialização da profecia visionária de Stevenson, que em sua confissão admite os limites de seu próprio conhecimento:

Digo duplo porque, no estágio de conhecimento em que me encontro, não posso ir além desse ponto. Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas; e ousou sugerir que o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes (Stevenson, 2015, p. 96).

Mr. Robot é a obra desse "outro" que veio e materializou o "conjunto de cidadãos multifacetados" dentro de uma única mente, confirmando a genialidade de Stevenson em prever a evolução do tema do duplo. A reflexão definitiva, no entanto, surge na comparação dos desfechos de cada obra, que revela uma mudança fundamental na compreensão da identidade fraturada.

Em *O Médico e o Monstro*, a cisão só pode ser resolvida pela aniquilação. A jornada de Jekyll termina em desespero e suicídio, a única forma de destruir Hyde. A obra de Stevenson, portanto, conclui que a dualidade é uma guerra que leva à destruição mútua, uma falha moral que não pode ser integrada. *Mr. Robot*, por outro lado, rejeita a aniquilação e propõe um caminho terapêutico: a aceitação. A cena final da série é a culminação desse processo. O Mastermind, o duplo que acompanhamos, não é destruído; ele compreende sua função protetora e se integra ao eu original. Sua conclusão não é de desespero, mas de autoafirmação e propósito: Mesmo que a gente se vá, é como o Mr. Robot disse. Nós sempre seremos uma parte de Elliot Alderson. E seremos a melhor parte, porque somos a parte que sempre apareceu. Somos a parte que ficou. Somos a parte que o mudou. E quem não se orgulharia disso? (*Mr. Robot*, 2019).

Assim, a evolução do tema do duplo, de Stevenson a Esmail, reflete uma profunda mudança cultural. A tragédia vitoriana do homem que não suporta seu monstro interior dá lugar à narrativa contemporânea do homem que aprende a acolher suas múltiplas facetas, especialmente aquelas nascidas da dor. A resolução não está mais na busca por uma pureza impossível, mas na conquista de uma totalidade complexa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar a evolução do duplo no presente nas obras *O Médico e o Monstro* e *Mr. Robot*, partindo da hipótese de que a dualidade de Jekyll e Hyde era uma resposta à hipocrisia vitoriana, enquanto a fragmentação de Elliot Alderson respondia aos traumas e sistemas de controle do século XXI. Dito isto, é possível considerar que a figura do duplo evolui de forma marcante, passando de uma dualidade moral em *O Médico e o Monstro* para uma multiplicidade sistêmica em *Mr. Robot*. Esta transição reflete as profundas mudanças na concepção do eu e nas formas de controle social entre o século XIX e o XXI, ou seja, o contexto sócio-histórico é a força motriz que molda a manifestação do duplo. Assim, observou-se que na Londres vitoriana de Stevenson, com suas ruas de fachadas respeitáveis e seus becos escuros e sórdidos, o duplo funciona como um espelho da psique dividida de Jekyll e da hipocrisia.

Dessa forma, a pressão social pela conformidade e pela manutenção da reputação é o que leva Jekyll ao seu experimento extremo, sendo que a sociedade não apenas reprime o desvio, mas cria a necessidade de uma vida dupla Jekyll e Hyde. A crítica à hipocrisia da época é, portanto, central para entender a obra de Stevenson. Já na Nova York de *Mr. Robot* se apresenta um paradigma diferente de controle social. A opressão não vem primariamente de um código moral rígido, mas de um sistema corporativo onipresente e de uma cultura de vigilância digital. A angústia de Elliot é um reflexo da paranoia e da alienação geradas por este cenário.

Em um mundo mediado por algoritmos e constante vigilância, a subjetividade contemporânea não se fragmenta apenas por traumas individuais. Ela é moldada por uma estrutura de vida que dissolve as fronteiras entre o público e o privado, transformando o mundo, como analisa Byung-Chul Han (2017), em "um mercado onde se expõem, vendem e consomem intimidades" (Han, 2017, p. 80). Elliot representa, portanto, não apenas uma vítima de abuso, mas o produto desse sistema, no qual o "eu" é constantemente pressionado a performar, esconder-se e resistir, muitas vezes dentro de si mesmo.

Essa pressão contínua por performance, visibilidade e controle emocional transforma a subjetividade em um campo de batalha silencioso, onde o eu se torna cada vez mais uma construção transitória, adaptável e instável. O duplo, nesse cenário, deixa de ser apenas uma metáfora literária e passa a expressar uma verdade psíquica cotidiana: a necessidade de múltiplas versões de si para se encaixar e sobreviver em realidades conflitantes.

A missão do Mastermind de “derrubar o 1% do 1%” é a expressão máxima dessa luta. Sua revolução hacker não é apenas um ato de rebeldia, mas uma tentativa desesperada de “salvar o mundo” para torná-lo um lugar seguro para o “Elliot real”. A fragmentação da identidade, portanto, reflete diretamente a opressão totalizante do sistema. A transgressão do Mastermind não é a busca por prazeres privados, como no caso de Jekyll, mas um ato de guerra política nascido de um imperativo de proteção da integridade psíquica.

A análise demonstrou que, enquanto Jekyll cria voluntariamente um duplo para gerenciar a repressão de uma sociedade moralista, a psique de Elliot se fragmenta involuntariamente em um complexo sistema de personalidades para sobreviver a um trauma de infância. A revelação da persona do "Mastermind" como o protagonista que acompanhamos representa o ápice dessa evolução: o "eu" que age no mundo já é uma construção, um protetor cuja missão é remodelar a realidade externa para salvaguardar a personalidade principal vulnerável. Percebeu-se que a jornada do duplo, de Mr. Hyde a Mr. Robot, simboliza uma mudança radical no foco do conflito. Fundamentada em teóricos como Souza e Rossi (2015), Silva e Leite (2017), Shymanska (2011), Maraldi (2019) e Fisher (2020), a análise mostra que a luta de um homem contra sua natureza reprimida dá lugar à luta de um sistema de personalidades contra um mundo percebido como intolerável. Ainda que a origem de ambos se justifique pelo controle social de suas épocas, o "monstro" deixa de ser apenas a personificação do mal individual para se tornar um conjunto de respostas complexas a uma falha sistêmica, seja ela familiar ou social. As obras de Stevenson e Esmail, em conjunto, oferecem um poderoso diagnóstico da condição humana, demonstrando que a figura do duplo permanece um espelho indispensável: um reflexo das eternas e sempre mutáveis questões sobre quem, de fato, nós somos e a sociedade em que vivemos.

Este estudo, ao se debruçar sobre estas duas obras, cumpre seu objetivo de analisar a evolução do duplo, mas também abre portas para investigações futuras. Seria pertinente, por exemplo, explorar como o tema da identidade múltipla é tratado em outras narrativas contemporâneas de grande impacto, como nos filmes *Cisne Negro* (2010), *Fragmentado* (2016) e no clássico *Clube da Luta* (1999), investigando suas diferentes abordagens sobre a

origem da cisão. Outra via promissora seria aprofundar a análise de como a tecnologia digital atua como catalisadora e palco para essas novas formas de fragmentação do “eu”.

O duplo, por fim, continua sendo uma das representações mais potentes da condição humana: não apenas como metáfora da duplicidade moral, mas como espelho de nossos conflitos internos, desejos reprimidos e estratégias de sobrevivência. Seja nas sombras da Londres vitoriana ou no caos digital do século XXI, a cisão do “eu” revela que nossa identidade raramente é estável, ou una, ela é tensionada, negociada e reinventada diante das forças que nos atravessam e os contextos nos quais habitamos. O duplo nos mostra que, às vezes, é no espelho partido que encontramos nosso lado mais verdadeiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda Macário; RIBEIRO, Arieli Belloli; BENEDETTI, Laura. Transtorno Dissociativo de Identidade: um mecanismo de proteção complexo. **Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial**, v. 1, n. 1, 2020.

BOLEA, Stefan. **The Phantasm of Revolution from Fight Club to Mr. Robot**. *Caetele Echinox*, v. 29, p. 314-321, 2015.

CANTALICE, Ana Beatriz de Farias. **Análise da obra "O Médico e o Monstro" pela perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental**. 2022. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

CIRINO, Nathan N. ARG: a quebra da quarta parede no cinema. **Revista TEMATICA**, ano IX, n. 11, p. 1-17, nov. 2013.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRANÇA, Julio. O insólito e o duplo em "William Wilson", de Edgar Allan Poe. In: **O INSÓLITO E SEU DUPLO**, 2009, Rio de Janeiro. Palestra de abertura. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2009.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Prefácio. In: STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro: O estranho caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015. p. 5-13.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARPER, Douglas. Doppelganger. In: **Online Etymology Dictionary**. 2001-2025. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/doppelganger>. Acesso em: 22 jun. 2025.

HOFFMANN, E. T. A. **O homem da areia**. Tradução de Ary Quintella. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. (Coleção Novelas Imortais).

LYNCH, John. **MR ROBOT: Hacking the Apocalypse**. *Journal of Religion, Film and Media (JRFM)*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 15-30, 2019. DOI: 10.25364/05.05:2019.2.2.

MARALDI, Everton de Oliveira. Transtorno dissociativo de identidade: aspectos diagnósticos e implicações clínicas e forenses. **Fronteiras Interdisciplinares do Direito**, v. 1, n. 2, 2019.

MR. ROBOT. Criação de Sam Esmail. Estados Unidos: USA Network, 2015–2019. son., color. Série exibida pela Amazon Prime.

OLIVEIRA, Marly Amarilha de. Quatro variações sobre o tema do duplo: Poe, Stevenson, Conrad & Rubião. **Travessia**, Santa Catarina, v. 5, n. 12, p. 184-195, jan./jun. 1986.

PUTNAM, Frank W. **Diagnosis and Treatment of Multiple Personality Disorder**. Nova York: Guilford Press, 1989.

ROCHA, Jakson Bruno da Silva *et al.* **Identidade e crise de identidade em "O homem do furo na mão", de Ignácio de Loyola Brandão**. Revista ARACÊ, São José dos Pinhais, v. 6, n. 4, p. 12789-12809, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev6n4-112>.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

SHYMANSKA, Kira. **The Female Doppelganger in Gothic Fiction: A Comparative Perspective**. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Karl-Franzens-Universität Graz, Graz, 2011.

SILVA, Antonia Marly Moura da; LEITE, Francisco Edson Gonçalves. O estatuto do duplo em três contos de Lygia Fagundes Telles. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 55, p. 276-290, dez. 2017.

SOUZA, Vinicius Lucas de; ROSSI, Aparecido Donizete. A insurgência do paradoxo Jekyll-Hyde. **Abusões**, [S. l.], n. 3, p. 1951-1960, 2015.

STAUDT, Sheila Katiane. Entre o Oriente e o Ocidente: a problemática do duplo no romance *Les désorientés*, de Amin Maalouf. **Literatura e Sociedade**, n. 28, p. 290-303, jul./dez. 2018.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**: O estranho caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde. Tradução de: João Dauster. 14. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2009.